



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (ICSA)
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
DISCIPLINA OFICINA DE TCC**

Gerseley Ivanick Mandinga Lopandza

**Efeitos da divisão de trabalho para o trabalhador: entre a
eficiência e a alienação, em Adam Smith e Karl Marx**

REDENÇÃO-CE-BRASIL

2016

Gerseley Ivanick Mandinga Lopandza

Efeitos da divisão do trabalho para o trabalhador: entre a eficiência e a alienação em
Adam Smith e Karl Marx

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Administração
Pública da UNILAB, como requisito
parcial para obtenção de título de
bacharel em Administração Pública.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Vieira Silva Filho

REDENÇÃO-CE-BRASIL

2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

L849e Lopandza, Gerseley Ivanick Mandinga.

Efeitos da divisão de trabalho para o trabalhador: entre a eficiência e a alienação, em Adam Smith e Karl Marx. / Gerseley Ivanick Mandinga Lopandza. – Redenção, 2016.

47 f.; 30 cm.

Monografia apresentada ao curso de Administração Pública do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICESA da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Vieira Silva Filho.

Inclui referências.

1. Trabalho – filosofia. I. Título.

CDD 335.412

Gerseley Ivanick Mandinga Lopandza

**Efeitos da divisão do trabalho para o trabalhador: entre a eficiência e a alienação,
em Adam Smith e Karl Marx.**

Monografia julgada e aprovada para a obtenção de diploma de graduação em
Administração Pública da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira (UNILAB).

Data: ___/___/___

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Antônio Vieira Silva Filho (UNILAB)
Orientador

Profa. Dr. Víitor Macedo Pereira (UNILAB)
1º Examinador

Prof. Dr. Lourenço da Conceição Cardoso (UMILAB)
2º Examinador

*O presente trabalho é dedicado aos
grandes pensadores ousados da história.*

Agradecimento

Em primeiro lugar, queria agradecer à humanidade como um todo. As ideias que exibi em cada frase não vieram de mim, bem como a linguagem usada por mim para comunicar vieram de personagens heróicos como: Marx, Nietzsche, Adam Smith, Mandeville, os antigos gregos, que percorrem todos os textos são todos eles sagrados na história das ideias.

Em segundo lugar, devo agradecer ao orientador, Professor Vieira, um amigo bem como instrutor da vida, sem ele seria menos eu. Tenho de agradecer também aos antigos orientadores de bolsas e da vida, bem como do bar: Professores Ivan Maia, Maurílio Machado, Lourenço Cardoso, Rodrigo Ordine, Thiago Vascellos, Leandro Proença. Sem esquecer os amigos e colegas de discussões no pátio da universidade: Maurílio, O santo; Julimar Trajano, O militante político; Larissia ketlin, A anarquista; a minha turma de administração; companheiros de futsal e do vôlei.

Além disso, como bom boêmio que sou, não poderia deixar de reparar na importância que teve para mim o Ponto do Camarão, da Maysa; os bêbados e os eremitas que se punham alcoolizados a discutirem o valor da vida. Sem deixar de lado as festas em que tantas vezes fui socorrido e levado totalmente ébrio para casa por amigos como: Valdécio, O filósofo santomense; Cicley, A língua; Jeremias, A raposa; Stallone; Vinuel, O modelo imaginário; Edvaldo, O medroso, Jério, O Bataman ... e muitos outros conterrâneos adeptos de bar e de mover das saias.

A caminhada foi longa e pesada, motivos não faltaram para que eu desistisse. Foi pensando em meus pais e nos meus irmãos que mantive um pouco de lucidez, este elemento tão escasso em mim. Foram a âncora que me protegeram de fazer maiores loucuras ou vôos em minhas efervescências poéticas.

Por fim, agradeço a cada “chicote” recebido, foram muitos, fui auxiliado por amigos e fiz amigos na mesma situação. Cada rejeição me fez lembrar que eu precisava estudar mais.

Cada um destes cavalheiros e damas descritos aqui arregaçaram as bainhas das calças e as damas levantaram a barra da saia para que atravessássemos juntos o inferno diário.

“A vida é apenas uma visão momentânea das maravilhas deste assombroso universo, e é triste que tantos se desgastem sonhando com fantasias espirituais”.

Carl Sagan

“Uma vida não questionada não merece ser vivida”

Sócrates

Resumo

A presente monografia tem por objetivo analisar a divisão de trabalho e as suas consequências confrontando as teorias de Adam Smith e Marx nesse contexto, através de uma perspectiva interdisciplinar, com foco na problemática da administração, ou seja, a especialização do trabalhador e seus efeitos. A necessidade de se pensar isso nasce da busca pelo entendimento do que acontece quando ocorre a divisão de trabalho, se de fato ocorre à produtividade e prosperidade, descrito em Smith ou Taylor somente, ou se acaba alienando o trabalhador como é descrito por Marx. Na primeira parte explana-se sobre as correntes que influenciaram o pensamento econômico de Adam Smith, começando nos mercantilistas; os fisiocratas e Bernard Mandeville. Após isto, desenvolve-se o conceito de divisão de trabalho tirado das *Riquezas das Nações*. Como contraponto, na segunda parte da monografia, a visão de Smith, traz-se o pensamento de Karl Marx, mas concretamente o pensamento do trabalho estranhado ou alienado. Mostrando que ao mesmo tempo em que a divisão de trabalho garante a produtividade na manufatura contribui para as péssimas condições da classe trabalhadora que vende a sua força de trabalho ao capitalista. Na fase final, confronta-se as duas visões a partir de um exemplo do campo da administração, mostrando as influências do pensamento de Smith em pensadores como Taylor, o grande clássico da administração científica.

Palavras-chaves: divisão de trabalho; produtividade; trabalho alienado.

Abstract

This undergraduate thesis aims to analyze the division of labor and its consequences confronting the theories of Adam Smith and Marx in this context, through an interdisciplinary perspective, focusing on issues of administration, ie, specialization of the worker and their effects. The need to think this came from the search for understanding of what happens when the division of labor occurs, it actually occurs productivity and prosperity, described in Smith and Taylor only, or end up alienating the worker as described by Marx. In the first part expounds on the currents that influenced the economic thinking of Adam Smith, starting in mercantilist, physiocracy and Bernard Mandeville. After this, it develops the concept of division of labor taken from the Wealth of Nations. As a counterpoint, the second part of this research, Smith's vision, brings up the thought of Karl Marx, but concretely the thought of working estranged or alienated. Showing that while the division of labor ensures productivity in manufacturing contributes to the bad conditions of the working class who sells his labor power to the capitalist. In the final phase, confronted the two views from an example from the field of administration, showing the influences of thought Smith in thinkers like Taylor, the great classic of scientific management.

Keywords: division of labor; productivity; alienated labor.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 – O mundo antes de Smith	14
1.1 mercantilistas	14
1.2 - Os fisiocratas	16
1.3 - Bernard Mandeville.....	17
Capítulo 2 - Adam Smith.....	20
1.1 - Apresentação	20
1.2 – Divisão de trabalho na riqueza das nações	21
1.2.1 - A divisão de trabalho.....	22
1.2.2 – O princípio que dá origem à divisão de trabalho	23
1.2.3 – A divisão de trabalho limitada pela extensão do mercado	24
Capítulo 3 – Karl Marx.....	27
1 – Apresentação.....	27
2.1 - A concepção marxista do trabalho.....	29
2. 2– Processo do trabalho ou Processo de produzir valor de uso	30
2.2– Trabalho produtivo.....	32
2.3– trabalho improdutivo	33
2.4 – Trabalho excedente.....	33
Capítulo 3 – O trabalho Alienado e estranhado.....	35
Capítulo 4 – O grande embate	39
Conclusão.....	44
Referências:.....	46

Introdução

Durante as aulas de Administração, o que mais se ouve são as palavras eficiência e eficácia, que estão sempre omnipresentes. Uma vez que a maior parte da obrigação de um administrador é gerir da melhor forma possível, a alcançar a produtividade. Além disso, as mesmas metas referidas, eficiência e eficácia, acompanham os objetivos das organizações, sejam elas de natureza pública ou privada. A meta da administração é a eficácia organizacional. Pede-se de um administrador que ele entenda os mecanismos por detrás do sucesso organizacional e evite a todo custo os insucessos. Para que se alcance a meta é imprescindível que se tenha o desempenho aceitável pelos parâmetros da organização. Atinge-se essa meta de várias formas, embora haja vários modelos que se vangloriam de ter a fórmula certa para a eficácia organizacional. A título de exemplo, temos a Qualidade Total (TQM); Teoria Humana, a Contingencial, a Estruturalista e muitas outras. Da mesma forma, muitos gurus desenvolveram técnicas que prometeram lidar com a concorrência, vender mais, ser mais eficiente, gerir melhor os recursos ou, o que está cada vez mais em voga, motivar os colaboradores para a produtividade. Richard H. Hall (2002) entende a eficácia como o atingir das metas propostas pela organização, ou seja, o dono da empresa decide o quanto é necessário para atingir o sucesso e os gestores mobilizam os colaboradores para atingir a meta. Algo assim não fazia sentido do ponto de vista da ética do trabalho duro, pois, os que trabalham incansavelmente permanecem na mesma miséria, e se melhoram as condições materiais, o trabalho árduo não é a principal causa. Então, para onde vão os produtos desse mesmo trabalho? Foi a partir desta reflexão que me dispus a investigar o que acontece com o trabalhador num sistema de produção capitalista. Para entender as causas da miséria propus-me a investigar a divisão de trabalho que aparece muitas vezes nos manuais de administração, como em Taylor a título de exemplo, descrita como princípio de especialização do trabalhador. Buscou-se em Adam Smith o conceito que é o objeto central de todo o texto, a busca pelo seu entendimento de divisão de trabalho. Em Karl Marx, procurou-se alguém que tivesse outra leitura da divisão do trabalho, uma visão dialética que descrevesse o que acontece com o trabalhador na produção e circulação de mercadorias e que benefício e/ou malefício ele tira dessa produção, cada vez mais ampliada e mecanizada.

O trabalho, como categoria e atividade vital do homem nasce de um problema fundamental que me intrigou nas aulas de Introdução à Administração. Até que ponto pode ser produtivo e/ou próspero a divisão de trabalho? Até que ponto essa mesma divisão de trabalho dos operários nos livros clássicos de Administração, os especializados, os focados e altamente produtivos não acabavam eles mesmos obsoletos e tornados máquinas enquanto aumentava a produtividade? O que transparece é que nunca se falava das consequências da extrema especialização dos trabalhadores como humanos e pessoas repletas de desejos e vontades.

A presente monografia pretende fazer uma análise do que em primeiro lugar se constitui como divisão de trabalho, no que concerne a produção de bens na atualidade, o que para isso buscou-se um dos primeiros pensadores da Modernidade a entender a sua importância, Adam Smith. Após a tematização da divisão do trabalho em Smith, procura-se entender as influências que o autor escocês traz a teoria econômica quando fala de produtividade. Numa segunda fase, analisaremos as consequências inumanas para o trabalhador, as quais decorrem dessa mesma divisão de trabalho que, primeiramente, surge como redentora da economia e necessária para o comércio. Trata-se de um lado mais voltado para as condições do trabalho em Karl Marx.

O conceito chave que norteia toda a monografia é a “divisão de trabalho”. Tratar-se-a como sendo uma espécie de distribuição de atividades entre as respectivas pessoas ou um conjunto de pessoas, no que concerne à posição que cada uma dessas pessoas ou agrupamentos ocupa na estrutura social e nas relações de propriedade, relativas à produção. A divisão de trabalho ocorre em relação a muitas atividades, como as de natureza econômica, política e cultural (SANDORINI, 1985).

Durante a explanação do conceito, Paulo Sandorini (1985) alerta que as primeiras formas de divisão de trabalho que o mundo vivenciou vêm desde épocas mais remotas, dos nossos antepassados primitivos. Ele dá exemplo dos homens que iam para a caça e as mulheres que ficavam na coleta, Trata-se aqui de uma divisão sexual de tarefas.

Contudo, ele ainda chama atenção ao fato de que foi somente com o advento da grande revolução industrial e com um intenso desenvolvimento de produção capitalista que se acabou por destrincar tanto e intensificadamente esse processo de divisão de trabalhos na manufatura (SANDORINI, 1985).

Com vista a alcançar certa objetividade no trabalho fez-se pelo uso do método científico que dê certa credibilidade aos fundamentos tratados aqui. De certa forma procurou-se afastar do senso comum. Costa e Costa numa passagem mostra o seguinte:

A diferença entre o senso comum e o conhecimento científico é o senso comum é formado por sentimentos, desejos e misticismo, já o conhecimento científico é formado através de procedimentos metodologicamente rigorosos, procurando-se abstrair, embora em algumas realidades isso ainda seja possível, as emoções, as crenças religiosas, as ideologias, enfim. (COSTA; COSTA, 2012, p.18)

Os mesmos autores (COSTA; COSTA, 2012) deixam claro a necessidade de uma consciência objetiva, que rompe todas as ligações com os aspectos subjetivos e pessoais e com o que é meramente fundamentada em senso comum.

Dada a situação-problema que se trata de análise da divisão de trabalho, o objetivo centra-se numa pesquisa explicativa, “É a pesquisa que busca esclarecer que fatores contribuem de alguma forma para a ocorrência de algum fenômeno.” (COSTA; COSTA, 2012, p.36).

No que concerne aos procedimentos usados na metodologia, na recolha de dados utilizou-se a pesquisa bibliográfica “[...] aquela realizada em livros, revistas, jornais, etc.” (COSTA; COSTA, 2012, p.36).

Quanto à abordagem do problema, a situação-problema em que se empenha em analisar demanda que seja uma pesquisa qualitativa. Por definição, uma pesquisa onde “[...] concebe-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo...” (RAUPP, BEUERN, 2016, p.92).

Na primeira parte da monografia aborda-se a divisão de trabalho na concepção de Adam Smith. Passando por alguns momentos de relevância no pensamento do mesmo, primeiro os mercantilistas e a sua economia de guerra; os fisiocratas e sua preocupação com a terra e por último Bernard Madeville e a sua nova concepção ética e antropológica que traz para a economia em seus poemas de carácter econômico. Na segunda parte da monografia fala-se do efeito da divisão de trabalho a partir da crítica que Karl Marx faz à divisão de trabalho. Nomeadamente a percepção do trabalho estranhado ou alienado.

No final procurar-se-a mostrar as duas teorias lado a lado a partir de um ambiente contemporâneo hipotético em que se apliquem as duas perspectivas (Smith e Marx), ou seja, da praticidade do mundo da vida econômica e dialogando com teoria da administração, nomeadamente Taylor, o pai da Administração Científica.

Capítulo 1 – O mundo antes de Smith

Antes de Adam Smith, muito foi escrito relativamente à economia, desde Aristóteles tem-se a idéia de uma *oikos nomia*¹, mesmo que seja ainda numa fase embrionária. Falarei de três pensamentos desenvolvidos que influenciaram o pensamento de A.Smith e todo o ocidente. Começarei pelo mercantilismo; avançarei até os fisiocratas, e por fim, pretendo discorrer sobre o pensamento de Bernard Mandeville.

1.1 mercantilistas

Aquilo que consideramos mercantilismo parece começar a partir de 1450. Uma época que coincide com alguns dos grandes acontecimentos que emergiam na Europa, por exemplo, o renascimento cultural, político e social. Uma retomada aos valores greco-latinos. Além disso, surge um pensador que será importante para compreender até mesmo o grande tema de toda a monografia, falo de João Calvino² (1509 – 1564) e a sua reforma pela qual ficou muito conhecido. De certa forma, ele exaltou o individualismo, a atividade económica e toda a acumulação material bem como o êxito a partir disso, o que deu um enorme impulso à economia. Com isso, o protestantismo condena somente a ociosidade. Muito semelhante ao discurso capitalista contemporâneo, redenção a partir do labor (SOUZA; 2016).

Da mesma forma a Europa vive um enfraquecimento do poder dos senhores feudal, e com isso há uma centralização maior do Estado. O estado patrocinava grandes obras e empreendimentos no tocante à conjuntura interna. Quanto à externa, estava-se vivenciando em nível mundial a era das grandes navegações e das expansões marítimas europeias.

Dado o contexto histórico, agora trazem-se à baila os pensamentos fulcrais que caracterizavam o mercantilismo. Tem-se o metalismo que é descrito pelo professor e doutor Souza (2016, p. 5) como: “até então, a ideia mercantilista dominante era a de que a riqueza de um país media-se pelo afluxo de metais preciosos *metalismo*”.

O outro pensamento mercantilista fundava-se na ideia de que o Estado precisava manter a balança favorável entre as exportações e as importações para que de qualquer modo, pudesse constituir afluxos significativos de ouro e prata.

¹ Oikos – casa e nomia – normas; primeira ideia que se tem de economia como normas da casa.

² João Calvino, fundador de anglicanismo

Ainda há uma ideia que é a mais polêmica e que gera muitas discussões até a contemporaneidade, trata-se do “pacto colonial”, “por meio deste pacto, todas as importações da colônia passaram a ser provenientes de sua metrópole, assim como todas as suas exportações seriam destinadas a ela exclusivamente”. (SOUZA; 2016, p. 6).

Há algumas obviedades que podemos tirar dessas principais ideias que mostraram-se acima. A título de exemplo, olhando para o que aconteceu à Espanha com a prática do metalismo, uma inflação de 20% ao ano na Andaluzia entre 1561/1582 (SOUZA; 2016 apud SACHS E LARREIN; 1995). Isso porque a riqueza centrou-se unicamente na acumulação de reserva de metais preciosos e respectivos saques às colônias.

É interessante apresentar esta ideia, pois Adam Smith vem discordar completamente dessa premissa econômica, demonstrando que a verdadeira causa da riqueza de uma nação vem do trabalho útil, não de conjunto de metais que nada têm de valor de uso.

Desse modo, existem teóricos muito relevantes para à economia da época dentro dessa corrente de pensamento:

Jean Baptiste Colbert (1619-1683)³ na França como um grande ícone desse pensamento, realizou um conjunto de reformas. O colbertismo implicava certa intervenção do governo em todas as esferas possíveis e garantindo certo protecionismo ao mercado nacional para proteger as empresas nacionais contra a concorrência estrangeira. (Souza; 2016).

Na Inglaterra temos o filósofo John Locke⁴ (1632-1704) que escreveu um livro intitulado *Consequências da redução da taxa de juro e da elevação do valor da moeda*, em 1692): onde argumentava que os metais preciosos precisavam permanecer no país. Também temos senão o mais célebre, Thomas Mun⁵ (1571-1641), que escreveu o *Discurso sobre o comércio da Inglaterra com as Índias orientais* de 1621. Através dessa obra, Mun exerceu grande influência sobre o colonialismo inglês. (SOUZA; 2016).

Podemos entender a crítica à tese mercantilista na seguinte passagem de Souza :

A ideia central do Mercantilismo de que o acúmulo de metais preciosos era sinônimo de riqueza foi muito criticada pelos economistas das escolas

³ Jean- Baptiste Colbert

⁴ John Locke, filósofo contratualista

⁵ Thomas Mun

fisiocrática e clássica. A moeda passou a ter um fim em si mesmo e não como um meio de troca. A produção foi relegada a um plano secundário. No entanto, a valorização dos metais preciosos como moeda trouxe segurança nos pagamentos internacionais. De outra parte, o aumento do estoque de metais preciosos, ou seja, de moeda, reduzia as taxas de juro, o que estimulava os investimentos, a produção e o emprego, contribuindo para o surgimento do modo de produção capitalista. (SOUZA; 2016, p. 6).

1.2 - Os fisiocratas

Os fisiocratas têm como seu representante o economista francês François Quesnay⁶. Segundo Marx ele traz a ideia de uma primeira versão sistemática da produção capitalista (CORAZZA, 1985).

Foi no *Tableau Economique* que Quesnay mostrou suas considerações acerca da economia da época, “descrevendo os fluxos comerciais, de rendas e outras despesas.”. (CORAZZA, 1985, p. 16).

A economia, segundo os fisiocratas, acaba sendo dividido em três classes sociais distintas: tinha-se o que se chamaria de classe produtiva, que vai desde de arrendatários capitalistas até os assalariados agrícolas; temos também o que seria a classe dos proprietários que vai até os soberanos proprietários de terras e os dizimeiros; por fim, teremos os estéreis, ou seja, os agentes econômicos urbanos, pois os seus afazeres são não agrícolas.

O grande problema que advém da esterilidade dos agentes econômicos é uma espécie de desalinhamento cósmico, pois ele não produziria o excedente ou um produto líquido. O que seria então esse excedente, o novo elemento que surge na balança? - "diferença entre o que é consumido e o que é gerado no processo produtivo" (CORAZZA, 1985, p. 17).

Os fisiocratas estão convencidos é da utilidade e da importância de nos adequarmos à "mãe natureza" responsável pelos alimentos que temos, pela bebida que bebemos, pelas coisas que usufruímos. Precisa-se entender que estamos no séc. XVIII. A mais-valia ainda não tinha sido pensada por Marx no primeiro livro *de O Capital* (2013), retornar-se-á a ele na segunda parte da monografia para entender outras facetas

⁶ François Quesnay, economista e médico

da divisão de trabalho.

Retomando o objeto de estudo, não se falou do elemento principal de toda a saga fisiocrática, o arrendatário capitalista! Ele é o detentor da propriedade onde trabalharão os agricultores que farão produzir o tão esperado excedente que a nação precisa para prosperar.

Precisamos ainda adicionar mais um elemento fulcral para entender melhor o pensamento fisiocrata desenvolvido até aqui. O "dom da fertilidade" ou a ordem natural. Como alguns filósofos da antiguidade⁷, os fisiocratas crêem numa certa ordem harmónica e natural das coisas. Olhando para a natureza e vendo como as plantas desabrocham, como os pássaros voam e o sol raia no céu resplandecendo por toda a terra fica evidente a presença de algo acima de nós, um certo *designer* inteligente não somente mais da mera materialidade, é preciso aplica-lo também à economia. Através dessa crença buscam não mais criar leis positivas ou obstáculos para que essa ordem não se manifeste, é necessário que tudo seja uma espécie de incubadora para que as coisas sejam elas mesmas, para que o sol brilhe. Por outras palavras teríamos o seguinte:

A fisiocracia pretende ser, isto sim, um esforço para construção de uma ciência económica que seja ao mesmo tempo ciência das riquezas, ciência do governo e ciência da ordem natural das sociedades. (CORAZZA, 1985, p. 18)

O que caberia então ao Estado fazer? Se alinhar com esse todo cósmico, descobrir as leis naturais e entrar em sincronia com ela. Até aqui se deveria desenvolver uma suspeita futura: não seria isso o tal livre comércio do *laissez faire et laissez passer*? Com isso finaliza-se dizendo que as vênias ao "deus" livre-mercado e seus "rituais" são mais antigos do que pensamos, seus templos têm como base os fisiocratas que acabaram influenciando todo um pensamento liberal ou neoliberal que "cultuamos" até a atualidade.

1.3 - Bernard Mandeville

Nascido em 1670, no final do século XVII, foi um médico holandês que mais tarde se aventurou como escritor, já na Inglaterra. O que o torna interessante é mesmo o facto pelo qual se tornou tão célebre quanto polémico: *A colmeia murmurante, ou*

⁷ Referência aos estóicos, Aristóteles e outros clássicos da ética grega.

canalhas tornados honestos, um poema publicado em 1705, demonstra claramente como a poesia pode estar ligada à economia.

A tese principal de todo a sua filosofia pode ser vista num poema elementar: *A fábula das abelhas*. Tenta convencer-nos de que os vícios privados tornam-se virtudes públicas. Publicado em 1723. Aqui se vê um trecho deste pensamento na análise do determinado autor:

[...] vícios como a vaidade, a luxúria, a inveja, a avareza e o orgulho é que seriam as bases reais do desenvolvimento económico e social, e não as tão decantadas virtudes da humildade, economia, abstinência, etc. Essas virtudes, aliás, praticamente inexistentes, só podendo ser encontradas nos discursos proferidos por aqueles que procuram enganar os outros, ocultando os vícios que os levam a agir. (BRITO, 2014, p. 25).

Em Mandeville, parece que essa é a forma correta de como as coisas deveriam ser. De qualquer forma, a boa sociedade advinha dessa busca egoísta por todos.

O contexto é de uma época florescia a ideia de caridade e de educação para os menos favorecidos. O que Mandeville percebeu como um erro enorme por parte das pessoas que eram mais privilegiadas na sociedade, detentoras de riquezas. Era perigoso, para ele, pois, uma vez que os trabalhadores pobres pudessem ter acesso à educação, em algum momento desejariam transitar de classe social e econômica, o que não faziam por não estarem conscientes da real situação em que estão. Assim, tornando os trabalhadores pobres perigosos, devido os desejos que agora são despertados, como o de grandeza, uma vez que já os conhece. (BRITO, 2014). “Para ele, o consumo e a produção de bens na sociedade dependem do trabalho, pois, quanto mais uma sociedade se desenvolve mais precisará, para que se viva bem nela, de uma divisão maior do trabalho” (BRITO, 2014, p. 26). Quem trabalharia? Certamente os da classe mais baixa, os embrutecidos, os homens musculados e desprovidos de intelectualidade e regalias. Quem se apropriaria dessa produção? Certamente os nobres, os intelectuais por privilégio, o que para ele seria algo tão natural quanto a vida na colmeia.

Esses trabalhadores são a base da sociedade, mas já um trabalhador que possui desejo algum de melhoria da situação em que estão, os que estão acomodados na situação deplorável, eles sim são a prosperidade da economia, não os que se instruem. Podemos ter uma visão mais nítida nessa passagem de Ari Brito:

Aí está o engano, segundo Mandeville. Pobres mais bem educados não se contentariam em ficar numa mesma situação tão baixa, mas passariam a querer o que só não querem ainda por pura ignorância, uma vida melhor,

melhores roupas, comidas mais saborosas e, o ponto crucial, certamente se recusariam a continuar a trabalhar arduamente. Quem então realizaria as tarefas necessárias para a sociedade? (BRITO; 2014, p. 28)

Pode-se concluir, deste modo, que a socialização seria uma espécie de relação entre enganadores e enganados, e que é necessário que seja assim para que haja prosperidade. Porém, ele lança com a sua farpa polêmica em forma de escrita uma nova ideia. Os que estão em melhor condição, são esses mesmos enganados (trabalhadores braçais sem privilégios). Mas como é possível? Simples, os políticos sagazes, já na posição de enganadores desde épocas mais remotas, precisaram tornar confortável a posição em que esses trabalhadores se encontravam, de modo a tornar improvável a rebelião. É para isso que servem as fantasias, como Deus provedor; alegria na pobreza; ascensão pela humilhação, que levam os que não têm regalia, explica ainda Ari Brito (2014), a não buscarem regalias, contudo mantendo a crença numa esperança futura onde poderão ter. Daí resulta que a ideia garanta certo *status quo*, já que todos não podem usufruir das mesmas condições materiais ou dos privilégios e riquezas.

Para os nobres e os privilegiados, o poema consegue demonstrar bem como todos esses engodos e dissimulações que já não cabe aqui um exame moral: "seus crimes tornavam-no abastado/ e a virtude que com a politicagem/ aprendia bastante malandragem/ tornara-se, pela feliz influência,/ amiga do vício; pior consequência,/ o pior elemento em toda multidão/ realizava algo para o bem da nação." (MANDEVILLE, 2016, p. 3).

Capítulo 2 - Adam Smith

1.1 - Apresentação

Adam Smith nasceu em 1723 em *Kirkcaldy*, Grã-Bretanha, numa pequena aldeia onde moravam os pescadores A margens de *Firth Forth*. Conhecido atualmente como o fundador da economia clássica, “sua análise dos impulsos económicos e da estrutura da sociedade explica como o comércio funciona. Seu legado é a nossa compreensão do mundo económico em que vivemos hoje.” (Strathern; 2012, p. 60).

Desde a sua infância foi criado pela mãe e por ela desenvolveu um enorme apreço. Ainda segundo Strathern (2012), talvez essa seja a razão de ter tido uma vida solitária.

Aos 14 anos ele entra na universidade de Glawsgow. Aos 17 anos ganha bolsa de estudos para Oxford.

A impressão que se tem do grande fundador da economia clássica fica bem registrada nesta passagem do livro:

Smith considerava esse mundo como um quebra-cabeça intelectual cuja solução era um dever moral. A humanidade só seria capaz de se libertar dos seus grilhões quando compreendesse como estava presa por eles. Progresso e esclarecimento pareciam estar inextricavelmente ligados. (STRATHERN; 2012, p. 62)

Em 1759 publica sua primeira obra: *Teoria dos sentimentos morais*. Neste momento toda a sua preocupação acadêmica volta-se para como a força social age sobre cada indivíduo e como ele reage a isso. Essa problemática ocorre na época em que era professor de filosofia moral. Demonstra nesta primeira obra porque fazia parte do grande "iluminismo escocês".

A partir deste momento, embora a sua obra tenha se popularizado e o feito célebre como acadêmico, ele preferiu ser preceptor dos filhos do Estadista Charle Townshend. Talvez as motivações tivessem tudo a ver com a filosofia que nasceria através dele. Uma coisa era a academia e seus trejeitos proselitistas, outra bem

diferente seria o dinheiro. Strathern (2012) mostra que ele ganhava como professor 200 libras anuais, sendo preceptor, passaria a ganhar 300 libras anuais mais uma pensão vitalícia. Podemos entender o motivo da sua escolha.

Com as crianças do estadista, acima citado, viajou por toda a Europa, tendo várias experiências, uma delas com a estrela literária do momento, Voltaire. Outros encontros que acabaram e muito por influenciar a sua filosofia foram com os fisiocratas nos salões de Paris. Em Toulouse, já em 1764 em suas correspondências com David Hume (o que se tornaria célebre só após sua morte) que Smith demonstra tédio e toma a decisão de escrever um livro como forma de passatempo (*Riqueza das Nações*). O que levaria 12 anos para escrever, o lançado em 1776. (STRATHERN; 2012)

Smith passa a entender que existe certa força por detrás do curso da história, para o escocês, era a "natureza humana" que sempre se volta para o interesse pessoal. Muito semelhante ao pensamento de Bernard Mandeville a quem ele teceu alguns elogios após ler a fábula das abelhas, foi tratado no momento anterior.

Em sua obra ele tenta entender a máquina por detrás do progresso, porque os países prosperam. Porque os metais preciosos como ouros e pratas em alguns países não podem constitui a sua real fortuna. Nas palavras de outro autor pode-se resumir o seguinte:

A riqueza das nações discute três princípios básicos, e, por meio do simples pensamento e de numerosos exemplos, fornece sua prova. Normalmente, nem os intelectuais encontram dificuldades para compreender as idéias de Smith. O progresso econômico depende deste trio de prerrogativas individuais: a busca do interesse próprio, a divisão do trabalho e a liberdade de comércio. (OROURKE, 2008, p. 10).

Através dessa frase podemos finalmente entender a importância do presente trabalho, entender até porque Adam Smith torna-se importante para dissecar o tema.

1.2 - Divisão de trabalho na riqueza das nações

A partir deste momento aborda-se o pensamento que surge nos primeiros capítulos da sua grande obra:

An Inquiry into the nature and causes of the wealth of nation ou como por nós ficou conhecido, *A Riqueza das Nações*.

Explana-se aqui sobre os capítulos iniciais que abordam com profundidade o que é a divisão de trabalho, a sua origem, passando pela carência e chegando finalmente em como isso afeta a sociedade.

1.2.1 - A divisão de trabalho

Adam Smith inicia o capítulo demonstrando a importância que tem a divisão de trabalho, o que pode ser visto nesse pequeno trecho:

O maior aprimoramento das forças produtivas dos que trabalham e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão de trabalho. Compreenderemos mais facilmente os efeitos produzidos pela divisão do trabalho na economia geral da sociedade, se considerarmos de que maneira essa divisão do trabalho opera em algumas manufaturas específicas. (SMITH, 1996, p. 65).

Seria de bom tom alertar que nesse exato momento fala-se das manufaturas, e em algum momento estar-se-á falando do que Smith chamou de sociedades primitivas.

Quando falamos da divisão de trabalho em uma manufatura parece que é bem mais frequente em oficinas menores, o que vem a ser uma falácia. Pois é impossível em grandes oficinas juntar todas as pessoas num mesmo lugar. Além disso, o que nas sociedades primitivas é feita por uma só pessoa, nas sociedades economicamente desenvolvidas o mesmo trabalho é subdividido em vários processos e realizado por uma quantidade maior de pessoas (SMITH; 1996).

As Nações mais ricas parecem se igualar às mais pobres quando se trata de atividades agrícolas, contudo, o mesmo não sucede quando se trata de atividades de manufatura, pois é lá onde as mais ricas demonstram a superioridade. Começa-se a entender a necessidade do trabalho de manufatura, porém em parágrafos seguintes ele dá um entendimento do que causaria pouca produtividade no trabalho na manufatura. A sua justificativa fundamenta-se na necessidade que os trabalhadores têm de desempenhar outra atividade, começar um novo processo. (SMITH; 1996). Adam Smith toma como exemplo um trabalhador de campo que é obrigado a fazer vinte trabalhos

diferentes, ele o faz de forma quer indolente, quanto ineficaz, se no lugar disto fizesse simplesmente uma atividade.

1.2.2 – O princípio que dá origem à divisão de trabalho

Se no início ele explica o que é em última análise a divisão de trabalho, nesse momento, ele analisa as condições que permitiram o seu nascimento.

Deste modo, o autor está convencido que o homem tem em si uma natureza que o impele a trocar uma coisa pela outra. Após essa declaração, o autor fica em dúvida, pois não sabe explicar o que opera na cabeça do homem que o induz a isso, mas sabe que se trata de um fato natural, o que pode ser revelado nesta passagem:

Não é nossa tarefa investigar aqui se essa propensão é simplesmente um dos princípios originais da natureza humana, sobre o qual nada mais restaria a dizer, ou se – como mais provável – é uma consequência necessária das faculdades do raciocínio e falar. De qualquer maneira, essa propensão encontra-se em todos os homens. (SMITH, 1996, p. 73).

Logo após isso, solta outra farpa, o homem tem sempre carências que precisam ser satisfeitas, desejos que estão dentro dele e que de qualquer modo, sozinho não conseguirá os satisfizer, é preciso ajuda de terceiros. Mas a questão está em como conseguir essa ajuda. Ele de imediato responde-nos o contrário, dá uma pista sobre como não conseguir. Isto é, instigando a benevolência que há nos homens. (SMITH, 1996).

Num segundo momento do texto, ele revela o segredo. Tudo bem que não conseguimos nada apelando para a bondade dos outros, mas podemos conseguir alguma coisa dos outros se mostrarmos como é vantajoso para eles darem ou fazerem aquilo que precisamos que aconteça. Finaliza com a seguinte frase: “É isso que faz toda a pessoa que propõe um negócio a outra.” (SMITH, 1996, p. 74). O que é de um argumento poderoso. O que ele pretende dizer com isso? Primeiro, podemos levar isso até para o campo dos relacionamentos afetivos. Alguém que quer conquistar o apreço ou o amor de uma determinada pessoa, não o faz, se tiver bom senso, apelando para o simples

facto de gostar da pessoa, é preciso que ele espere algum tipo de vantagem que a pessoa terá através do relacionamento. Pode ser de todo tipo: econômica, segurança, ostentação, fama... entre outras vantagens. Segundo vale também para a relação empregado/empregador, pois, alguém não é empregado apelando para a bondade do empregador, ele terá de mostrar o que o empregador ganhará com a sua contratação. Agora, o mais importante, sendo ainda mais objetivo, usando de suas próprias palavras, pode-se verificar:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos no jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua auto-estima, e nunca lhes falamos de nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles. Ninguém, a não ser o mendigo sujeita-se a depender sobretudo da benevolência dos semelhantes. (SMITH; 1996, p. 74).

É dessa negociação, dessa necessidade de conseguir do outro aquilo que não conseguimos por nós mesmos, ou se conseguimos, não será com a qualidade desejada que dá origem à divisão de trabalho. Cabe questionar aqui o porquê? Porque o homem não é como o animal que por natureza é obrigado a se defender sozinho, a viver sozinho, mesmo em bando, o animal não possui diversidade alguma quanto aos seus talentos, e quando ocorre essa diferenciação natural, não conseguem tirar a vantagem que daí decorre. Smith (1996) dá exemplo de diferentes tipos e raças de cachorros que existem. Cada um com suas qualidades e deficiências, com suas limitações e talentos naturais... porque não se unem para enfrentar as adversidades unindo seus talentos? Porque a natureza os constrange. Ao contrário dos homens que dado aos seus talentos individuais únicos, cada um concentra em sua área até produzir mais do que precisa, com esse excedente ele troca com os outros que produziram o mesmo excedente. Lembrando que ele trata aqui ainda de uma sociedade hipoteticamente primitiva.

1.2.3 – A divisão de trabalho limitada pela extensão do mercado

Pela caminhada que se teve, fica de qualquer forma evidente que a natureza humana para a troca leva à divisão de trabalho. O que acrescenta Smith a partir de agora é de que, essa mesma divisão de trabalho é limitada por algo, este algo é o mercado. Esta é a premissa que se analisará, o pensamento que surge no terceiro capítulo em que aborda a divisão de trabalho.

Cabe analisar, porque o mercado é uma espécie de limite à divisão de trabalho. Podemos ter essa resposta com a seguinte passagem:

Como é o poder de troca que leva à divisão de trabalho, assim a extensão dessa divisão deve sempre ser limitada pela extensão desse poder, ou, em outros termos, pela extensão do mercado. Quando o mercado é muito reduzido, ninguém pode sentir-se estimulado a dedicar-se inteiramente a uma ocupação, porque não poderá permutar toda a parcela excedente de sua produção que ultrapassa seu consumo pessoal pela parcela de produção do trabalho alheio, da qual tem necessidade. (SMITH; 1996, p. 77):

O que ele pretende dizer com isso é que dependendo em que região se está, o que numa grande cidade é feita por vários passa a ser feita por uma só família em cidade menor. Podemos pensar numa família do interior do Brasil. Certamente estão longe de alguns determinados serviços, muitas vezes estão distantes, quilômetros separam a casa de uma oficina de carros, de uma mercearia na cidade vizinha mais movimentada, bem como alguns serviços imprescindíveis. Isso faz com que ele desenvolva algumas habilidades necessárias para a sua sobrevivência e não se especialize somente numa determinada área técnica. O célebre “fazer de tudo um pouco”, pode ser aplicado à limitação do mercado nas pequenas cidades rurais.

Smith (1996) usa o exemplo de um camponês, ele precisa ser ao mesmo tempo açougueiro, padeiro e fabricante de cerveja para a própria família. Cabe lembrar que suas habilidades não são para a troca, mas para a manutenção da família. Ainda traz uma reflexão mais interessante para se abstrair. Cogitemos a existência de um ferreiro que faça anualmente 300 mil pregos, vivendo numa cidade pequena sem grandes contatos com outras cidades vizinhas, ele conseguiria escoar o quanto dessa produção? Certamente uma pequena parcela dessa produção, pois não há tanta demanda agregada para esse produto, por essa razão, não compensa ele se especializar em fabricar pregos. E se ele fosse daqueles insistentes leitores de autoajuda que ouvem sempre que devemos seguir os nossos sonhos e ser persistente, insistir que um dia dará certo e finalmente atingirá a redenção e que ouvindo o nosso economista escocês o chamaria do típico invejoso que nada faz. O trabalhador finalmente morreria de fome por ter pouco entendimento do mercado em que se encontrava e ter gasto dinheiro com fórmulas de prosperidade de quem vivia em outros contextos bem opostos ao dele.

A questão agora se volta em outra direção, como os mercados se expandem. Para a sua época, seria o transporte marítimo e fluvial, responderia Smith (1996). Ele analisou as cidades que mais se desenvolveram, o que constatou que eram as que estão mais próximas da costa. Por exemplo, pode-se tomar o caso da cidade de Redenção, interior de Ceará e do país. Num primeiro momento do povoamento do Nordeste, que localidade se desenvolveria mais? A cidade mais desenvolvida e a capital cearense é Fortaleza. Como sabemos é uma cidade costeira e Redenção não. Concluiria Smith que isso advém do fato de que o desenvolvimento começa nas costas marítimas e só depois se estende para o interior. Pois, o comércio se dá originalmente nas costas onde se davam as trocas de mercadorias. Um leitor atento questionaria ainda Smith: tudo bem que o transporte marítimo facilite a troca, mas o transporte terrestre poderia realizar a mesma empresa por vias terrestres. Responderia solenemente: a ligação terrestre é possível, porém mais demorado bem como mais insegura. Não se esqueça de que estamos no século XVIII, usamos carroças, o que não suporta uma quantidade muito maior de mercadorias, bem como os assaltantes de estradas entre Londres e Edimburgo (o exemplo que usa), sem contar com os cavalos que precisamos alimentar, os vários transportadores e seguranças e as tarifas alfandegárias que começavam a se universalizar na Europa. Custaria muito a manutenção de uma delegação tão grande para o transporte terrestre. O que não aconteceria no transporte marítimo. Seriam menos pessoas, carregariam bem mais mercadorias e como também seria mais célere. Atualmente, o transporte terrestre é um dos principais motivos do encarecimento das mercadorias. O que se verifica a atemporalidade desta reflexão.

Conclui Smith o capítulo, mostrando uma análise histórica sobre as civilizações que se desenvolveram estando elas próxima dos rios. Finalmente fala em uma navegação interna, não em escalas bem maiores, o que tratará em outros momentos do livro *A Riqueza das Nações*.

Capítulo 3 – Karl Marx

1 – Apresentação

Karl Marx nasceu em Trier, Alemanha, 5 de maio de 1818. A cidade ficava bem próxima de Luxemburgo, numa região famosa pelos seus vinhedos, *Mosela*. Para um maior estranhamento dos seus grandes fãos, ele foi criado num ambiente típico burguês da época. O pai era um advogado de origem judaica, bem sucedido, que não tinha fortes convicções religiosas, mas acabou por se converter por motivos sociais e econômicos. Como curiosidade, um dos tios fundou a grande gigante industrial Philips. (Starthern, 2006).

Aos 18 anos entra na universidade de Bonn. Mais tarde entra na universidade de Berlim onde teve contato com a filosofia de Hegel. O que teve uma enorme influência sobre ele posteriormente. A ideia de um mundo em permanente evolução, e tendo essa evolução através da luta entre contradições e que opera dialeticamente. Cada noção implica e gera a sua noção contrária. Uma ideia que acabou influenciando a sua própria dialética de luta de classes, o que evidencia bem Starthern (2006).

Outra grande influência sem a qual não poderíamos continuar discutindo Marx é a de Feuerbach. O mesmo sofre influência de Hegel, mas leva as suas influências para um plano da crítica filosófica da religião. Disseca a ideia de Deus como uma alienação da essência do próprio Homem, uma espécie de projeção. O que de certa forma em Hegel, era idealista e espiritual, tornou-se para ele humanista e materialista. Explica ainda Starthern (2016).

Um facto curioso sobre o Marx e que acaba refletindo em seu espírito revolucionário e transformador foi a sua tese. Escreveu uma tese onde faz um elogio ao herói mítico Prometeu, intitulada: *A diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. A divindade que presenteia o fogo aos homens e acaba condenado por Zeus. Após o doutorado não encontrou um local na universidade para trabalhar, pois o novo *kaiser* Frederico Guilherme IV da Prússia estava afastando todos os hegelianos de esquerda das universidades. Após isso, ele passa por um período de extrema instabilidade pulando de jornal em jornal. O fato mais importante aqui a ser ressaltado

ocorre quando o jornal em que trabalhava fecha, ele se vê obrigado a ir para Bélgica, lá se ingressa na liga comunista. Acabam sendo incumbidos de escrever um manifesto para a liga, ele e Engels. Foi dessa empreitada que foi o parto de um dos livros mais lidos da história, *Manifesto do Partido Comunista*. (Starthern, 2006)

Podemos entender toda a grande influência que ele teve desde épocas passadas até a nossa, como revolucionário e militante engajado. Com a citação do pensador e analista econômico:

Em 1848, o ano em que Karl Marx publicou o primeiro *Manifesto Comunista*, houve distúrbios revolucionários por toda a Europa, da Sicília a Varsóvia. Em Paris, a insurreição levou à queda da monarquia dos Orleans; em Viena o reacionário e repressivo chanceler Metternich foi obrigado a fugir disfarçado, “como um criminoso”. A França e o Império Austro-Húngaro eram as duas maiores potências no continente europeu. Parecia que a Europa estava por um fio. Mas as forças de reação acabaram por levar a melhor, e sua desforra foi aterradora. (STARHTHERN; 2006, p. 4).

Isso nos dá uma boa visão do seu peso na história, a sua proposta de solução aos problemas do mundo lhe rendeu muitos admiradores e um número de inimigos ferozes, mas certamente, tanto os inimigos como os apologistas concordam com algo: ninguém entendeu e analisou tão bem as engrenagens que movem o sistema capitalista. As suas perguntas ao capitalismo permanecem sem respostas pelo mesmo. Suas críticas foram tão profundas quanto incisivas, suas propostas dividiram o mundo em dois. Tendo de um lado o mundo capitalista com representante máximo, Estados Unidos de América, do outro lado tem-se a União soviética como representante máxima de uma pretensa herança socialista marxista. Quando se olha para alguns países de inspiração comunista, ou algumas revoluções do século XX, temos ao leme do navio, as ideias (muitas vezes distorcidas por teóricos marxistas) de Marx.

Só temos uma representação da sua intimidade concernente ao privado do seu lar, encontra-se nessa passagem em que um agente secreto que o vigiava descreveu quando lá entrou:

Assim que o sujeito entra no quarto dele, os olhos ficam tão toldados por fumaça de carvão e vapores de fumo que se tem a impressão de estar entrando às cegas numa caverna. ... Tudo é tão sujo, e o lugar tão empoeirado, que até sentar-se é arriscado. A cadeira em que sentei tinha só

três pernas, as únicas cadeiras inteiras estavam sendo usadas pelas crianças para brincar e preparar comida. ... Além de pouco hospitaleiro, Marx é também completamente desorganizado e misantropo. Leva a vida de um genuíno intelectual boêmio. Raramente se lava, penteia o cabelo ou troca de roupa. Gosta também de se embriagar. Por vezes fica ocioso por dias a fio, mas trabalha dia e noite com incansável resistência quando tem muito trabalho a fazer. Não segue nenhuma rotina no que diz respeito a levantar-se ou deitar-se. Com frequência passa a noite toda acordado; depois deita-se completamente vestido no sofá ao meio-dia e dorme até a noite, alheio a quem quer que entre ou saia do cômodo. (STARTHORN, 2004, p. 127):

Faz-se necessário que se deixe algumas ressalvas durante a apresentação das próximas páginas que se seguirão. Primeiramente não se trabalhará com o comunismo nem se pregará qualquer forma de apologia ou não aos seus ideais. Do que se descreverá ideologicamente, nada terá a ver com a revolução russa, nem com a revolução maoísta e muito menos sobre o Estado atual da Cuba ou Coreia do Norte. A análise que se fará de Marx restringirá simplesmente ao conceito de alienação que ele desenvolve a partir da divisão de trabalho que foi descrito em Smith, mais concretamente, a crítica que faz ao Smith, ora concordando e ora discordando.

2.1 - A concepção marxista do trabalho

Antes de começar a destrinçar a concepção marxista de trabalho, cabe aqui dar um alerta, de modo não se confunda com a concepção moderna do trabalho. Pois ocorre essa mudança a partir do capitalismo industrial, segundo Oliveira (2007).

O trabalho surge em Marx, como uma atividade que permite ao Homem existir, produzir e reproduzir a própria existência. O homem num primeiro momento durante o seu trabalho há uma unidade entre o físico e o mental, o que mudou com o advento da produção industrial. Esse mesmo trabalho atual como conhecemos hoje, explica ainda Oliveira (2007), não nasce de mera determinação biológica ou divina. Em Marx, tem um pano de fundo, as relações históricas, claro, respeitando seus limites específicos.

Marx faz uma crítica aos elementos de trabalho produtivo e improdutivo que se encontra já em Adam Smith. O trabalho produtivo seria a atividade que de qualquer forma acrescenta valor ao objeto. O problema para Marx é o segundo critério a-

histórico que Smith traz, o da durabilidade ou materialidade do produto, pois vale para toda e qualquer forma de modo de produção, sendo um critério que vai contra a história. O trabalho produtivo seria – o trabalho que não pode ser trocado por capital (OLIVEIRA, 2007).

A concepção marxista do trabalho gravita em torno de alguns conceitos elementares: trabalho geral abstrato e trabalho produtor de valores de uso, trabalho concreto. O primeiro coloca sobre o produto, o valor de troca; o segundo, tem por objetivo a transformação das matérias naturais em produto para satisfação das carências humanas. (OLIVEIRA, 2007).

A partir deste momento o autor, Oliveira (2007), volta-se para a explicação do papel que tem a natureza na mediação do trabalho. O homem se torna livre mediante o trabalho que lhe é possibilitado a partir da natureza que é a *conditio sine qua non* do trabalho. O que difere, por exemplo, dos animais. O trabalho de homem é consciente, ao contrário dos animais, que neles, é um trabalho necessário e determinado pela natureza. Com isso temos a liberdade humana que produz os meios da sua existência, as ferramentas necessárias. Contudo, lembra-nos ainda o estudioso de Marx, Oliveira (2007), que toda essa harmonia, físico e mental quebra-se com o trabalho alienado. Este conceito que será mais tarde trabalhado ao detalhe, aparece neste primeiro momento como contraponto ao trabalho concreto. O trabalho alienado distancia o homem de si mesmo, invertendo as ordens, o trabalhador se torna refém de uma existência imediata, voltada só para o físico, perdendo a sua real essência: o trabalho como atividade essencial que produz a humanidade do homem, isto é, através do trabalho concreto o homem transforma a natureza exterior e interior em algo humano, humanizado.

2. 2- Processo do trabalho ou Processo de produzir valor de uso

Existe uma relação entre aquele que vende a força de trabalho e aquele que a compra, este último é chamado de capitalista. A natureza do trabalho é fundamentada na produção de valor de uso, o que não acaba mudando só pelo fato de beneficiar ao capitalista. “A utilização da força do trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força do trabalho a consome fazendo com que seu vendedor trabalhe.”. (MARX, 2013, p. 255).

. O trabalhador possui o ideal daquilo que deseja ou necessita fazer, isso faz dele humano, isto é, a definição de um *telos*, de uma finalidade, colocada previamente pela subjetividade do homem, o que o diferencia do animal, cuja consequência da atividade não é estabelecida idealmente, mas determinada pela espécie. Pois o animal, Marx (2013) dá o exemplo de abelha, faz a suas tarefas diárias de forma instintiva, sem que por um momento pensasse: “talvez fosse melhor mudar a arquitetura ou a forma das paredes da colmeia”. Ao contrário do pior arquiteto que idealiza antes de fazer. Pode-se ainda adicionar a vontade que há no trabalhador e não coexiste em outros seres sobre a terra. Marx explica nesta passagem (2013, p. 255-256), “Porém, o que desde início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que a primeira tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera.”.

Três elementos compõem o trabalho: [1] a atividade que visa um fim, ou seja, o próprio trabalho; [2] o elemento inserido no trabalho, o objeto do trabalho; [3] as ferramentas que possibilitam o trabalho (OLIVEIRA, 2007).

De qualquer modo, o homem continua sendo aquele que faz os seus instrumentos de trabalho. E a terra seria uma espécie de meio universal de trabalho que dá a possibilidade do trabalhador exercer o seu trabalho. O resultado final da atividade do trabalhador será o trabalho objetivado, o produto terá sempre o valor de uso (MARX, 2013).

“O trabalho vivo tem de apoderar-se destas coisas e desperta-las do mundo dos mortos, convertê-las de valor de uso a pessoas possíveis em valores de uso reais e efetivos.” (MARX, 2013, p. 260). Contudo o valor de uso também pode se transformar em outros valores de uso. Como isto ocorre? Alguns produtos quando acabados são considerados matéria primas, porém, ocorre muitas vezes de o produto ser apenas uma parte de um produto maior que está em construção. Neste momento será uma substância acessória, uma espécie de produto *semifabricado* e intermediário, ou seja, meios de produção, explica Marx (2013).

A partir deste momento foca-se no trabalho abstrato. O processo de trabalho na sociedade capitalista faz com que ocorram duas peculiaridades: primeiro, o trabalho tem toda a sua atividade laboral e produtiva sob o controle do capitalista. O mesmo decide como vai trabalhar, onde deve trabalhar e sobre que condições irão trabalhar; segundo, o objeto que foi produzido pelo trabalhador sai da esfera da sua propriedade, já não lhe pertence mais e estando nas mãos de capitalista, este já a possui (a mercadoria) como valor de troca, cuja natureza do valor é dada pelo trabalho abstrato dos produtores. A

forma social capitalista se fundamenta pela equivalência das mercadorias, o que permite a permuta entre elas. Não obstante, a força de trabalho ser uma mercadoria diferente, animada e produtora de mercadorias, ela também está submetida à lógica da equivalência, o que permite se equivalerem à produção dos mais diferentes trabalhos concretos, transformando-os, nessa equivalência, em trabalho abstrato.

2.2- Trabalho produtivo

Em primeiro lugar, dá-se a necessidade de entender que é a cooperação que amplia o conceito de trabalho produtivo. Obviamente é uma cooperação que reconduz a ideia de divisão de trabalho no modo de produção capitalista (OLIVEIRA, 2007).

Com isso pretende-se dizer que, o trabalho antes individualizado que satisfazia a necessidade individual, deixa de ser produtivo em sociedades de relações mais complexas. Passa a ser produtivo o trabalho quando o trabalhador vende a sua força de trabalho para o capitalista que a compra. Ou seja, é um trabalho que se torna produtivo pela produção da mais-valia para o capitalista. Disso decorre que o trabalho produtivo como conhecemos agora advenha de um contexto histórico em específico, e não seja de qualquer forma determinista, explica Oliveira (2007).

O autor (OLIVEIRA, 2007) traz-nos uma noção importante no entendimento de Marx, uma pergunta que se oculta na explicação da compra de força de trabalho. Percebe-se que o capitalista não compra a força de trabalho para satisfazer quaisquer tipos de necessidades ou desejos, porém, o compra com o principal intuito de que o trabalhador se torne meio de produção para a realização da mais-valia. Nesse sentido, o trabalhador seria uma espécie de instrumento produtor de mais-valia.

Faz-se necessário nesse estágio operar uma reflexão para sintetizar melhor a ideia. Em Adam Smith, o primeiro autor abordado, a acumulação de capital se dá pela troca de excedentes por trabalhadores produtivos. Ou seja, como se explicou nos primeiros capítulos, todos produziram o excedente, que seria o que não mais precisavam e que seria trocado por outro que também produziu esse mesmo excedente em consonância com as suas próprias especificidades.

Com o que foi dito até o momento, há outra categoria que se esconde por de trás do trabalho produtivo. Qual é? – a produtividade não está somente produzindo valores de trocas e de uso, segundo Oliveira (2007), Marx estaria demonstrando como

produz também um excedente ou a mais-valia que se reintroduz no processo de própria expansão do capital.

2.3- trabalho improdutivo

Oposto ao trabalho produtivo, o improdutivo é aquele no qual não se identifica a produção ou a geração de mais valor. Podemos tomar como exemplo o criado doméstico e o serviço ou produto que ele venha oferecer a partir da sua força de trabalho.

O nascimento do trabalho improdutivo em Marx, explica Oliveira (2007), nasce da industrialização ou a mecanização maior que tem sofrido as grandes indústrias. Os avanços científicos tornaram cada vez maior o número de trabalho morto e desnecessário o trabalho vivo. Os seus efeitos foram desastrosos, colocou um grande número de pessoas nas ruas, o tempo livre forçado, a máquina substituiu os homens em muitas coisas. O que foi feito dos que ficaram por fora do sistema? Tornaram-se mendigos, criados domésticos, lacaios e serviçais etc.

Quando se emprega um criado doméstico, pelos seus serviços, o capitalista, o conde, ou qualquer pessoa nobre pagam-lhes com a renda ou juros de capital. Contudo, não procuram que eles gerem a mais-valia para o seu empregador.

2.4 - Trabalho excedente

O que Marx chamou de trabalho excedente? – Explica Oliveira (2007), “O trabalho excedente é um *sobretabalho* que não é pago pelo empregador”. Pode-se pensar em um trabalhador durante a labuta diária, ele produz o necessário para si mesmo, o que produz de excedente e é apropriado pelo capitalista é o que Marx chama de mais-valia. O mesmo excedente, de nada serve para o trabalhador, não possui para ele valor algum.

Ainda segundo Oliveira (2007), explicando Marx, mostra em seu livro como o trabalho produtivo cria uma diferença entre as diferentes épocas ou períodos econômico-sociais, como por exemplo, a escravidão, e a vassalagem aos senhores feudais. Disso decorre o provável, o excedente não pode ser uma criação do capital. Já existia em outras épocas. Desde que haja um monopólio dos meios de produção, não

importa que seja assalariado ou mero operário, ele primeiro produz para garantir a sua sobrevivência, depois, o resto constitui o excedente que será para o proprietário dos meios de produção, não importa se seja capitalista, conde ou senhor feudal. Certamente fica perceptível que o excedente histórico não tem muito a ver com o excedente no modo de produção capitalista, resume-se as meras necessidades físicas e sociais.

Pode-se facilmente se enganar olhando para o tempo em que o trabalhador labuta, como se houvesse uma correspondência direta entre o tempo de trabalho e a mais-valia. Para onde devemos olhar? – para a forma como está repartida a jornada de trabalho, demonstra Marx (1988) em *O Capital*.

Disso decorre que o excedente não pode ser total, ou seja, 100%. Também se percebe que a mais-valia não poderá ser maior do que o valor produzido. Não importa se o trabalhador trabalhe por 8 ou 10 horas. Há um momento em que ele deixa de trabalhar para garantir as suas necessidades na produção, para gerar o excedente do capitalista. Com isso, não pode existir um trabalho que seja um excedente total, pois está sempre incluso o custo de produção, o salário ou a manutenção do trabalhador (OLIVEIRA, 2007).

Capítulo 3 – O trabalho Alienado e estranhado

O trabalho considerado como alienado é desenvolvido por Marx ainda na fase de seu pensamento juvenil, que é conhecida como a fase do “jovem Marx”. Em sua obra *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* descreve com maior minúcia. Algumas traduções do livro, a título de exemplo, a usada na monografia, traduz *Entfremdung* como “trabalho estranhado”.

É necessário sempre frisar novamente, que se por um lado temos o capitalista como os detentores de meios de produção; por outro lado temos os trabalhadores ou proletariados que têm unicamente como propriedade, a própria força de trabalho que precisa vender ao capitalista para garantir a sua sobrevivência. O que consideramos como trabalho alienado é desenvolvido por Marx a partir da alienação do trabalho do proletariado, trabalho cuja produção é tornada alheia ao trabalhador. Não podemos de forma alguma negar a importância do pensamento de Hegel e de Feuerbach no desenvolvimento do que ele considerou como alienação. De qualquer forma o conceito econômico desenvolvido por Marx surge primordialmente na filosofia hegeliana.

Em Hegel, que foi das suas maiores influências e de todo o mundo universitário, temos que a aparência é uma alienação da essência. (BRUSTOLIN, 2016). Ou seja, a essência se mostra a partir de sua alienação em forma de aparência. Nele, ainda tratamos no sentido espiritual. Contextualizando, ele estava lidando com uma proposta epistemológica. Sendo-se simplista, pois, acabaria a tornar-se outra monografia.

Após essa noção surge um filósofo chamado Feuerbach, que logo trouxe a noção espiritual para o plano terrestre. O uso da palavra alienação voltou-se para a desmistificação do conceito de Deus. Para ele, segundo Brustolin (2016), Deus seria uma alienação do Homem. A alienação foi usada já num outro contexto. Pois, estava convencido de que em Deus estaria todas as qualidades humanas que os homens projetavam. Demonstrativamente encontramos um pouco de razão em suas palavras quando olhamos para os deuses que habitavam o Olimpo e a imaginação dos antigos gregos inspirados por Homero. Podemos tomar como exemplo Zeus, conhecido pela capacidade de copular várias mulheres e ter o que a nossa ética atual cristã chamaria de vícios morais. Mas na época moderna em que a ética é outra, quem se torna deus? – O

piedoso, o misericordioso, o que é capaz de amar, o que perdoa. Portanto, “Há um pouco de razão na loucura”. A título de comparação, Diógenes o Cínico já afirmava na antiga Grécia que se os galos pudessem orar e tivesse uma religião, o seu Deus seria uma espécie de poderoso Galo. Deus, desse modo, seria alienação dos atributos humanos imperfeitos e finitos aos entes divinos, nos quais os atributos humanos aparecem em sua perfeição e infinitude, isto é, a alienação é transferência e projeção dos anseios e desejos inalcançáveis pelos homens.

Tendo as bases genealógicas sólidas, pode-se agora voltar para o pensamento do “Jovem Marx”.

O próprio trabalhador que num primeiro momento se identificava com a sua própria criação, seu próprio produto, no modo de produção capitalista ocorre um fenômeno curioso. O trabalhador se afasta da sua produção, ele já não se identifica com ela, “o objeto que o trabalho produz, o seu produto, se lhe afronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor” (MARX, 2004, p. 76).

Marx (2004) explica algo que nos dá uma grande noção do que a alienação de facto seja. Primeiro trabalha com a noção de objetivação, o que ocorre quando o objeto se faz pelo trabalho, tornando-se coisa. O que é também a sua efetivação propriamente dito. Marx martela logo em seguida o resultado dessa objetivação, “a objetivação como perda de objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento, como alienação” (MARX, 2004, p. 80). Se num primeiro momento falou-se da efetivação como objetivação, de certo modo precisa-se afirmar como o autor faz que com a efetivação o trabalhador fique “desefetivado”. Quanto mais ele acaba produzindo, menos valor terá e menos dinheiro terá, sendo assim acaba sendo dominado pelo produto que ele produziu, a garantia da sua sobrevivência.

Uma passagem consegue condensar boa parte da relação estranha entre o trabalhador e o objeto por ele criado. Em Marx:

Na determinação de que trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como com um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais se torna o mundo objetivo, alheio que ele cria diante de si, tanto mais se torna ele mesmo, seu mundo interior, e tanto menos o trabalhador pertence a si próprio. É do mesmo modo a religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. (MARX; 2004, p. 81).

Como em Feurbach, a alienação aqui tratada é uma exteriorização também. Mas do trabalho, de um trabalhador que cria que opera e produz algo que acaba se distanciando dele mesmo. Ele acaba se tornando submisso da sua criação. O produto não é uma espécie de ente metafísico, é produto do próprio trabalhador, mas ele já não o reconhece, já não faz parte.

Falou-se da exteriorização já feita “carne”, do produto acabado e da exteriorização que dela decorre. Mas Marx (2004) apercebe algo, uma exteriorização ativa, ou seja, a exteriorização que ocorre no momento da produção do produto. Através disso, o trabalhador busca no ato de produzir apenas meios de subsistência, ele se encontra encaixado fora do trabalho, no ofício ele se mortifica, mas é um trabalho obrigatório com conjunto de coerções morais imperceptíveis à primeira vista. Não trabalha por satisfação, mas devido à carência. Ele se sente agrilhado, nas amarras das suas carências e nos cumprimentos de obrigações involuntárias diárias. Daí que, segundo Marx (2004) produza o trabalhador um objeto a ele próprio estranho. O seu trabalho pertence ao outro, não a si mesmo.

O resultado deste posicionamento encontra-se descrito nesta passagem:

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como ser livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc., em suas funções humanas só se sente como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. (MARX; 2004, p. 82).

Dos dois estranhamentos de que falei, podemos deduzir uma terceira forma. Para isso Marx (2004) explica a dependência do homem com a natureza, e como ela permite que o nosso trabalho se dê. É o meio de trabalho. Na natureza de forma geral, os animais são os que fazem. Como o castor rói a madeira e esse ofício é a sua sobrevivência, a aranha faz as teias e garante a sua sobrevivência. Nisso tudo encontramos o que Aristóteles chamou de *eudaimonia*. Da mesma forma o homem encontra no trabalho a sua teleologia, sua finalidade. Porém o trabalho no homem tem fatores como vontade e consciência, ao contrário dos animais ele realiza um trabalho livre das determinações naturais. O homem produz universalmente além de si mesmo e para si mesmo, usa critérios estéticos como beleza no ato da criação. Isso para Marx (2004) atribui a ele um carácter genérico, ou seja, do gênero humano.

O que faz o trabalho estranhado é o de afastar do homem aquilo que Marx (2004) está convencido como ser a sua essência, transformando-o em mero barganhador de sobrevivência, a sua atividade vital que antes genuflectia diante da sua essência, se vê agora voltada para garantir a sua existência já profanada. O homem se duplica no trabalho estranhado, não se reconhecendo mais, não reconhece o seu outro eu, que é o genérico.

Do mesmo martelo que Nietzsche usou no Crepúsculo dos Ídolos, parece também usar Marx (2004, p. 86) para denunciar implicitamente, começa-o com uma questão: "Se o produto do trabalho me é estranho, se ele defronta-se comigo como poder estranho, a quem pertence então?". A primeira ironia que nos lança é a possibilidade de serem "deuses". Certamente não, após isso ele identifica. É o próprio homem! "Se sua atividade lhe é martírio, então ela tem de ser fruição para outro e alegria de viver para outro. Não os deuses, não a natureza, apenas o homem mesmo pode ser esse poder estranho sobre o homem" (MARX, 2004, p. 86).

O trabalho estranhado tem como produto a propriedade privada, é lá onde ocorre o trabalho alienado e onde as cordas do trabalhador são movidas. A partir desse novo conceito que Marx (2004) entende como ignorada pela economia nacional. Os economistas clássicos, e que é concebida como natural a propriedade privada, ele traz à tona a sua origem. Além disto, ele percebe que através da propriedade privada e do trabalho estranhado é que nasce o salário, que é o meio de sobrevivência do trabalhador estranhado.

Capítulo 4 – O grande embate

Para que o embate ou confronto das duas linhas de pensamento tenha um sentido mais claro, e menos abstrato foi trazido à práxis, ou ao mundo da vida. Fez-se isso através de um exemplo. Tem-se que pensar agora a partir da visão de uma fábrica de alfinetes descrito por Adam Smith na *Riqueza Das Nações*.

Para a maior parte dos alunos que estudam administração, ensinam-lhes os professores de que o que um colaborador mais quer é se sentir em casa, se sentir parte da organização como a de uma família. Geralmente para ilustrar, usa-se a pirâmide de Maslow ou imagens de operários felizes em projeções heróicas nas paredes da organização, em disciplinas como: Gestão de Pessoas, Elaboração de projetos, entre outras. O ceticismo não se deixa levar facilmente nesta perspectiva, algumas práticas filosóficas e retóricas fazem eclodir certa dúvida metódica, o que também justifica a investigação e a monografia.

Para que se tenha uma imagem visual temos de pensar a partir da fábrica de alfinetes e os seus diferentes operários num ritmo fabril. Existem vários processos para a produção de alfinetes. Transcrevo aqui pelas palavras do próprio autor:

Um operário desenrola o arame, outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se 3 ou 4 operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente. Assim, a importante atividade de fabricar um alfinete está dividida em aproximadamente 18 operações distintas, as quais, em algumas manufaturas são executadas por pessoas diferentes, ao passo que, em outras, o mesmo operário às vezes executa 2 ou 3 delas. (SMITH, 1997, p. 66):

Obviamente estamos diante da divisão clara de trabalhos e especialização. Pois se a mesma pessoa trabalhasse no mesmo processo não conseguiria obter a produtividade que possuem.

Outro princípio que tem de se levar em consideração é o certo optimismo que está presente em toda a obra. Demonstra-se agora como o optimismo faz todo sentido.

A partir do momento que a produtividade aumenta os empregos aumentam também. Eis uma relação explicada pela curva da demanda e oferta. Se os alfinetes começam a ser vendidos devido a sua maior qualidade e menor preço seria necessário aumentar cada vez mais a produção para dar conta de um mercado que cada vez cresce e escolhe o produto. Da mesma forma, os trabalhadores agora empregados têm um salário que os permitem aquecer a economia e o Estado também sai a ganhar, através dos impostos. O auto-interesse do capitalista no culto ao *Mamon* (lucro) garantiu a prosperidade de toda uma nação. Nas palavras de Taylor:

A maioria desses homens crê que os interesses fundamentais dos empregadores e dos empregados sejam necessariamente antagônicos. Ao contrário, a administração científica tem, por seus fundamentos, a certeza de que os verdadeiros interesses de ambos são um único e mesmo: de que a prosperidade do empregador não pode existir, por muitos anos, se não for acompanhada da prosperidade de empregado, e vice-versa, e de que é preciso dar ao trabalhador o que ele mais deseja – altos salários – e o empregador também o que ele realmente almeja – baixo custo de produção. (TAYLOR; 1990, p. 25).

Ou seja, Taylor entende um alinhamento de vontades entre o trabalhador e o capitalista. A prosperidade de um é a prosperidade do outro. Estão ambos do mesmo lado.

Após aplicar os ensinamentos de Adam Smith que influenciou e muito o pensamento teórico de administração. Tem-se como exemplo Idalberto Chiavenato, que descreve logo no início de seu livro *Introdução a Teoria Geral da Administração*: “O trabalho é executado melhor e mais economicamente por meio de análise de trabalho, isto é, da divisão e subdivisão de todos os movimentos necessários à execução de cada operação.” (2011, p. 57). Ele acaba conseguindo ter maior produtividade e por consequência maior lucro. A produtividade na fábrica de alfinetes é medida em volume de produtos efetuados que culminam em vendas. Depende de vários trabalhos feitos eficientemente separados.

O resultado consegue com que ele aumente o número de funcionários, invista mais na própria oficina e de qualquer forma melhore o seu padrão de vida. Todo mundo sai a ganhar, os que agora têm um emprego e os que ganharam com o resultado do sucesso da organização. A especialização fez com que cada um que trabalhasse neste

ofício tornasse o melhor em suas respectivas tarefas. Novamente Taylor (1990, p. 25) diz: “Ninguém ousará negar que o indivíduo atinge sua maior prosperidade, isoladamente, quando alcança o mais alto grau de eficiência, isto é, quando diariamente consegue o máximo de rendimento”.

Para finalizar ainda essa abordagem pode-se pensar na pior coisa que poderia afetar o mercado onde atua a fábrica de alfinetes. Poderia surgir um Franklin Roosevelt da vida inspirado em John Maynard Keynes e decidir intervir num mercado que regula por si mesmo. Intervindo apenas, quando necessário, através de política de assistencialismo, por exemplo. Tirando dinheiro de quem produz para dar a um conjunto de acomodados ou os derrotados, segundo eles, que não souberam atender as necessidades do mercado. O emprego, como as demais atividades atiradas a escolha do mercado atingiria certa igualdade. O Estado estragaria tudo isso através, por exemplo, de leis trabalhistas como alguns políticos da atualidade observam. Eis como Adam Smith descreve:

Em seu conjunto, as vantagens e desvantagens dos diversos empregos de mão-de-obra e de capital, em regiões vizinhas entre si, devem ser perfeitamente iguais ou continuamente devem tender à igualdade. Se na mesma região houvesse alguma ocupação ou emprego que visivelmente fosse mais ou menos vantajoso que os demais, no primeiro caso seriam tantos que o procurariam — e no segundo seriam tantos os que o abandonariam — que as vantagens logo voltariam ao nível dos demais empregos. (SMITH; 1997, p. 147).

Durante todo o tempo falou-se na perspectiva de quem compra a força de trabalho, o proprietário. A partir dessa segunda parte do capítulo, tratar-se-á de uma visão marxista em cima da análise clássica de Smith.

Primeiro tem de se entender que existe entre os trabalhadores e o proprietário da fábrica de alfinetes um conflito, um conflito que sempre ocorreu entre os detentores de meios de produção e os não detentores de meios de produção. Vejamos como Marx entende o salário e a condição do trabalhador:

O salário é determinado mediante confronto hostil entre capitalista e o trabalhador. A necessidade da vitória capitalista. O capitalista pode viver mais tempo sem o trabalhador que este sem aquele. A aliança entre os

capitalistas é habitual e produz efeito a dos trabalhadores é proibida e de péssimas consequências para eles. (MARX; 2004, p. 23).

E eles se enfrentam diariamente, o primeiro quer aumentar o seu salário e o segundo quer diminuir. Não se trata mais de uma luta de classe, mas de uma dominação de classe. Os colaboradores trabalham como o burguês quiser da forma que ele desejar e onde lhe apetecer. O capitalista é o dono da bola, o jogo acaba e começa segundo seu bel-prazer.

Para exemplificar mais ainda o que foi dito no parágrafo passado precisa-se engendrar uma situação hipotética e um tanto ordinária de experiência fabril. A jornada do trabalho começa às 7 horas da tarde e o término às 5 horas da tarde, com um intervalo para o almoço. Formam para esse caso em especial 9 horas de trabalho. O óbvio é questionar sobre as horas extras que muitas vezes é necessário para alguns momentos em especial de produção excessiva. Além disto, quanto deve ganhar o operário que vive segundo as flutuações do mercado? Talvez nem um salário mínimo brasileiro.

A preocupação marxista volta-se para o dilema do trabalhador. O que dizer para ele? Citando Marx (2004, p. 25): “o salário e os bens de primeira necessidade vivem uma espécie de relação adversa. Um desce e mantém enquanto o outro sobe.”. Certamente algum dos trabalhadores, nomeadamente o que trabalha nos escritórios ganha um pouco mais, já que é tem um pouco mais de formação que algumas condições materiais que os pais puderam comprar. Eles observam a exploração da força do trabalho dos pequenos operário com uma passividade estoica de quem não mais se reconhece como parte da mesma classe, sem que de qualquer forma desperte um sentimento de revolta, pois, ele não se vê mais como parte do grupo dos não detentores de meios de produção, o que sabota qualquer forma de insurgência coletiva. O que muito tem a ver com a outra passagem de Marx (2004, p. 27): “a elevação de salário desperta no trabalhador a obsessão pelo enriquecimento típico de capitalista que, contudo, ele apenas pode satisfazer mediante o sacrifício do seu próprio espírito e do seu corpo”.

O operário está totalmente dominado, ele está em condições em que não consegue mais negociar. Isso não aparece na reflexão de Smith. Além disto, ele não poderá encontrar facilmente um trabalho na cidade ou mesmo se arriscar em ir para outras cidades. A opressão maior está nos filhos que poderá ter que o faz vender a

qualquer preço a sua força de trabalho pela sobrevivência deles. E enquanto ele trabalha, certamente tem que se preparar para o momento em que os serviços dele serão tirados para dar lugar a outro desesperado ou ao advento da máquina que faça todos os processos do alfinete. Aliás, o homem perde sempre para a máquina, pois esta garante menos custo de produção, o que significa mais lucro.

Não estaria o capitalista fazendo isso em nome do seu auto-interesse? “As únicas rodas que o economista nacional põe em movimento são a ganância e a guerra entre os gananciosos, a concorrência.”(Marx, 2004, p. 76). Então, o grande embate gira em torno disso, de um lado temos a maior produtividade e do outro lado, os direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho.

Com isso, percebe-se que se de um lado a divisão de trabalho garante uma maior produtividade, essa mesma produtividade aumenta com o trabalho alienado a desgraça do trabalhador, um jogo de força que sempre será perdido pelo trabalhador. Permito-me aqui transcrever uma passagem da *Ideologia Alemã* de Marx e Engels

Enfim, a divisão de trabalho nos oferece imediatamente o primeiro exemplo do seguinte fato: enquanto os homens permanecerem na sociedade natural, portanto, enquanto há cisão entre o interesse particular e o interesse comum, enquanto, portanto, também a atividade não é dividida voluntariamente, mas sim naturalmente, a própria ação do homem se transforma para ele em força estranha, que a ele se opõe e o subjuga, em vez de ser por ele dominada (MARX, ENGELS; 1998, p. 28)

Conclusão

A impressão que fica é de que as abordagens têm focos diferentes, tal como, se acreditarmos que o meio produz seus pensadores, Adam Smith seria um proprietário em busca de como produzir mais e melhor, a sua preocupação voltava-se para o enriquecimento da nação. Já Marx, voltou-se para as condições de trabalho e buscava uma emancipação do trabalhador. Os dois entendem perfeitamente o capitalismo, mas de formas diferentes. É impossível ignorar a análise marxista bem como as bases de Smith que unificou toda a economia pensada até o seu tempo. Demonstrei como esses pensamentos influenciam a especialização que há na administração e é uma arma poderosíssima. Finalmente teria de se dar resposta ao professor que afirma que as pessoas só querem se sentir parte da organização, ter seu valor reconhecido. Talvez o trabalhador esteja tão desesperado que assine qualquer coisa que lhe garanta um salário e estejam indiferentes as cláusulas. Talvez ele deva agradecer ao homem iluminado que criou o empreendimento onde ele e a família agora sobrevivem.

Marx em sua tese de doutorado exaltou Prometeu, como o grande salvador que trouxe o conhecimento aos homens. De certa forma se via na mesma posição, um herói para os trabalhadores, mas, a sua revolução não aconteceu. E onde nem esperava é que aconteceu, na Rússia ainda rural. Adam Smith foi um visionário tentando entender a base da riqueza de uma nação, foi um economista igualmente gigante.

Não se prega aqui a extinção da divisão de trabalho, não se diz que seja necessário abolir toda a forma de divisão de trabalho. A missão é mostrar como algumas ideias que tomamos por naturais e necessárias podem ser questionadas.

O primeiro mostra-nos estatísticas da riqueza nacional aumentando, só não diz quem efetivamente está enriquecendo, o segundo mostra-nos a desumanização, mas não consegue tecer uma solução eficaz para o problema. Ambos têm limites e possibilidades em suas teorias acerca da divisão de trabalho. Ele diz que há uma alienação, um fetiche que nos ilude sistematicamente, mas não consegue mostrar o que há do lado de lá da ilusão. Se caísse o *véu de Maya*, o que veríamos? A questão volta-se para o homem. Ou estaria na hora de trocar o PIB pelo FIB como se fez em Butão? Engendrar algo que substitua a divisão de trabalho e extrema especialização por conhecimentos e atividades mais holísticas que não se acabem por escravizar o possuidor?

Uma passagem chama muita atenção para uma época de extrema espionagem industrial em que se vivia. Irá demonstrar em que condições estavam os trabalhadores:

Aqui, entretanto, o agente recrutador do séc. XVIII elaborou contra uma característica marcante da indústria britânica: a divisão do trabalho. Nenhum trabalhador sabe mais do que uma pequena parcela do processo de produção. Um francês de nome Le Turc, aliás, Johnson em inglês, queixou-se. (LANDES, 1998, p. 312).

A divisão de trabalho aumenta a produtividade, não há como negar isto, ambos concordam. Smith percebe que é o melhor para todos e que trará prosperidades para todos, pois, têm dons diferenciados e o hábito e repetição melhoraria os resultados que todos usufruirão.

Marx, por sua vez, entende que essa mesma produtividade que decorre da divisão de trabalho, acaba por alienar e idiotizar o trabalhador, as suas condições não melhoram, apenas uma pequena parte goza deste trabalho.

Tece uma crítica ao pensamento liberal antes de dizendo o seguinte:

Ricardo, em seu livro *Renda da Terra*: as nações são apenas oficina da produção, o homem é uma máquina de consumir e produzir; a vida humana é um capital; as leis econômicas regem cegamente o mundo. Para Ricardo, os homens são nada; o produto, tudo. (MARX, 2004, p. 56).

Referências:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BRITO, Ari. Bernard Mandeville e as escolas da caridade. **Ética e Filosofia Política**, Mato Grosso, v. 1, n. 17, p.24-33, ago. 2014.

BRUSTOLIN, Fabrício J. **A gênese do conceito de alienação em Marx**. Disponível em: <http://www.faers.com.br/uploads/revista_fazer/f7af1605c73db69ec0b39cb080a3739d.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.

COSTA, Marco António F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto De Pesquisa**: Entenda e Faça. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CORAZZA, Gentil. **Teoria econômica e estado (de Quesnay a Keynes)**. 1985. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia, Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (iepe), Porto Alegre, 1986.

DIAS, Reinaldo. RODRIGUES, Waldemar. **Comércio exterior Teoria e Gestão**. Atlas

HALL, Richard H.. **Organizações**: Estruturas, processos e resultados. 8. ed. São Paulo: Pearson, 2002.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, Mark. **História do pensamento econômico**: uma perspectiva crítica. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. Tradução de André arruda Vilelela

LANDES, David S.. **Riqueza e pobreza das nações**: porque algumas são tão ricas e outras tão pobres.. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Tradução de: Álvaro Cabral.

MANDEVILLE, Bernard. **THE Grumbling Hive: or, knaves Turn'd HONEST**. Disponível em: <<http://www.csus.edu/indiv/c/chalmersk/econ101sp11/mandevillefableofthebees.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

MANDEVILLE, Bernard. **A fábula das abelhas**. Disponível em: <<https://projetophronesis.wordpress.com/2014/11/20/a-fabula-das-abelhas-de-bernard-mandeville/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013. Tradução de: Rubens Enerdele.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. Tradução de: Jesus Ranieri.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Tradução de: Jacob Gorender.

OLIVEIRA, Jorge Luís de. **Alienação, trabalho e emancipação humana em Marx**. Fortaleza: Edições Ufc, 2007.

O'ROURKE, P. J. **Riqueza das nações: uma biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução de: Roberto Franco Valente.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maury. **Metodologia da Pesquisa Aplicada às Ciências Sociais**. Disponível em: <http://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap_3_Como_Elaborar.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia**. São Paulo: Cultural, 1985.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Uma introdução à história do pensamento econômico**. Disponível em: <http://www.nalijsouza.web.br.com/introd_hpe.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

SMITH, Adam. **Compêndio riqueza das nações**. São Paulo: Hunter Books, 2014. Tradução de Bento da Silva Lisboa.

STRATHERN, Paul. **Marx: em 90 minutos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Tradução de: Maria Luiza X. de A. Borges.

STRATHERN, Paul. **Uma breve história da economia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. Maria Luiza de X. de A. Borges.

TAYLOR, Frederick W.. **Princípios de administração científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1990. Tradução de: Arlindo Vieira Ramos.